

Revolução Cubana

Uma revolução na América Latina

Emir Sader

É possível falar de revolução cubana em dois sentidos: como processo de luta pela tomada do poder por Fidel Castro e os companheiros que com ele lutaram na oposição insurrecional ao regime do ditador Fulgencio Batista. Nessa acepção, foi um movimento guerrilheiro que capitalizou o descontentamento do povo contra as condições de miséria, corrupção, falta de liberdade e dependência em relação aos EUA, para instalar um governo revolucionário nos primeiros dias de 1959.

Na segunda acepção, a revolução cubana de 1959 foi a continuidade das frustradas lutas de independência iniciadas na segunda metade do século passado e pode ser caracterizada efetivamente como uma revolução, não pelo fato de ter tomado o poder, mas por ter desenvolvido um processo de transformações, radicais das estruturas econômicas, sociais, políticas e ideológicas que fizeram de Cuba o primeiro país socialista da América Latina e do mundo ocidental.

Revolução, nesse sentido, é o conjunto de proces-

tos de mobilização, organização e luta do povo, em condições históricas concretas, contra o poder instituído, pela construção de um novo poder político que dirija as transformações radicais das estruturas dominantes na sociedade.

Nesta acepção, a revolução cubana é um dos poucos exemplos neste continente que realmente merece o nome de revolução, qualquer que seja o juízo que se faça sobre o seu caráter. Ela não é apenas um produto histórico da mobilização popular, mas é o desenvolvimento de um programa de transformações democráticas, nacionais e socialistas que modificou substancialmente a sociedade cubana nas décadas transcorridas desde a fuga de Batista para o exterior e a instalação do poder revolucionário em Havana.

As maiores dificuldades derivam do caráter polêmico do tema. Talvez não exista questão mais contraditória na historiografia contemporânea que a revolução cubana. Entre a apologia e a satanização, parece não haver meio-termo possível. Entre os que ao visitar a Ilha, quase infalivelmente ficam “maravilhados” com a eliminação do analfabetismo, da prostituição, da discriminação racial, do desemprego, da violência, da miséria, e com a saúde e a educação gratuitas; e, por outro lado, os que execram radicalmente a “falta de liberdade e de democracia” no país, se divide praticamente toda a bibliografia existente.

Sabemos que outra dificuldade se apresenta diante de nós. É que a revolução cubana foi contemporânea de toda uma geração para a qual a revolução era um fato histórico vinculado ao passado - a revolução francesa, em primeiro lugar - ou a um futuro nebuloso ou seguro, conforme as convicções ideológicas de

cada um - o socialismo, o comunismo. Mas de qualquer forma, a revolução era um fenômeno longínquo no tempo - revolução francesa, revolução inglesa -, ou no espaço - Rússia, China.

Foi a revolução cubana que atualizou a revolução no nosso tempo - para algumas gerações que hoje andam pelos trinta ou quarenta anos -, e no espaço latino-americano. Dela se pode indiscutivelmente dizer que, depois do seu surgimento, nada foi como antes no nosso continente e inclusive no Terceiro Mundo.

Se a revolução russa surpreendeu aos marxistas de quase todo o mundo, porque ocorreu onde não se esperava - na atrasada Rússia em lugar da Europa industrializada e, portanto, com classes operárias fortes -, a cubana não somente surgiu onde menos se esperava que existissem as condições para o socialismo - num país com pequena classe operária, ao contrário da Argentina, Chile, México, Uruguai e Brasil -, como nem sequer foi dirigida por marxistas - socialistas ou comunistas.

Toda revolução é um processo heterodoxo. Nunca repete, nem na forma, os fenômenos similares dos processos que a antecederam. A revolução russa foi completamente diferente da frustrada tentativa da Comuna de Paris, a chinesa se diferenciou amplamente da russa, e a cubana, não repetiu a história das revoluções anteriores. À complexidade de apreensão do significado da revolução cubana se somou sua polêmica projeção para a América Latina, encarada como “modelo” a seguir ou “perigo” a evitar. Nem a revolução russa teve na Europa a repercussão que o triunfo de Fidel Castro e seus companheiros teve na América Latina. Isso contribuiu para a polariza-

ção radical na abordagem do fenômeno cubano, pelo próprio fato de que ele nos envolve a todos no continente, como atração ou repulsa, apontando “vias de superação da crise capitalista” ou assinalando caminhos a recusar “para preservar a democracia”.

Tudo isso contribui para a complexidade na abordagem do tema. Fidel Castro afirmou certa vez que eles tinham “feito uma revolução maior que nos mesmos”. Talvez seja uma das poucas afirmações do líder cubano que adeptos e adversários estão dispostos a aceitar como verdadeiras.